



O paradoxo da adjetivação na reportagem “Todo dia é dia de estupro”¹

Wagner Barge BELMONTE²
(Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação)

Resumo

Marie Nzoli vive na República Democrática do Congo, uma região na qual a cultura de exploração sexual das mulheres é comum, tratada como algo corriqueiro. Quando ela veio ao Brasil, convidada para participar do 1º Fórum Mulheres Reais, uma fatia da imprensa nacional se interessou pelo assunto, pela ideia de tê-la para um perfil, uma reportagem mais biográfica. Embora o tema tenha potencial e interesse público suficientes para atrair a atenção, já que a “personagem” oferece uma história rara, a cobertura foi apenas tímida. Entre os poucos veículos que pautaram o assunto, nenhum espaço editorial dedicado foi tão extenso quanto o dado pela coluna da premiada jornalista Eliane Brum, na edição online da Revista Época. O objetivo deste artigo é analisar o texto “Todo dia é dia de estupro”, assinado por Eliane Brum e publicado em 9 de julho de 2012. Não se lança dúvida sobre a apuração, mas sim sobre o quanto o relato perde por um encadeamento que está além do fato, voltado a amplificar a comoção. A dramatização prepondera. A construção fica comprometida, desde o embrião narrativo da abertura, por um olhar que sugere determinada percepção, um viés de comoção que deforma o conceito de reportagem.

Palavras-chave: Construção Textual. Reportagem. Narrativa. Eliane Brum. Jornalismo.

Introdução

Quando a congoleza Marie “Maman” Nzoli veio, pela primeira vez, ao Brasil, convidada para uma palestra na capital paulista, uma fatia da imprensa nacional se interessou pelo assunto, pela ideia de tê-la para um perfil incomum. Defensora dos direitos da mulher no continente africano, Marie Nzoli foi entrevistada por repórteres de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Mestre em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero (FACÁSPER/SP), Professor universitário da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM/SP) e da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP) e Editor-chefe na empresa TV Câmara SP.



redações como a *Veja* e pelo portal *Tempo de Mulher*, comandado pela jornalista Ana Paula Padrão. Marie participou do 1º Fórum Mulheres Reais, criado pelo *Tempo de Mulher* e pela *Cross Networking*.

Com um assunto que tem potencial e interesse público para atrair a atenção, a “personagem” oferece uma história rara, e a cobertura da mídia brasileira foi apenas tímida. Entre os poucos que pautaram, nenhum espaço editorial dedicado ao assunto foi tão extenso quanto o dado pela coluna da premiada jornalista Eliane Brum, na edição online da Revista *Época*.

Publicado em 9 de julho de 2012, sete dias após o encontro, “Todo dia é dia de estupro” (BRUM, 2012) retrata o contraste da vida da protagonista no Congo e no hotel de luxo em que esteve hospedada em São Paulo. Marie é líder da COPERMA, ONG especializada em assistência social - responsável por promover a defesa dos direitos humanos no centro do continente africano, local onde mulheres e meninas sofrem intimidação e são forçadas a praticar sexo com militares.

“Há estupros todo dia. Meninas e também mulheres mais velhas estão plantando. Os militares passam e as estupram na frente de todo mundo. Vi meninas de 10, as mais velhas com 15 anos, serem estupradas. Os mais pobres precisam andar até 30 quilômetros para encontrar água para beber. As meninas vão buscar água e, quando voltam, os militares as violentam. Depois, elas geram bebês. Pouco importa se é milícia ou exército. Guerrilheiros e militares são todos selvagens (BRUM, 2012).

Eliane tece uma intrincada rede de fatos, com a qualidade narrativa que acompanha o faro de repórter premiada que é: das reconstituições das tentativas de estupro, das viagens de ônibus cercadas de tensão, das opiniões masculinas respaldadas por sexismo, tudo, no encadeamento textual, cria um mosaico complexo para o cenário construído na reportagem. O perfil, que é a espinha dorsal da matéria, é precedido por uma longa introdução, de cerca de 6.500 caracteres que vai climatizando e que, em tese, poderia deixar o leitor se situar no ambiente de vida de Marie Nzoli. Mas a premiada profissional funde informação e comoção. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1982) enfatizam o efeito comunicativo que esse estilo causa.

A narração centrada na intensidade costuma ter um sentido que vai além do simples noticiar. Geralmente as notas (nas colunas de informes) e as reportagens (de revistas, principalmente) adotam esse tipo de enfoque, explorando um lado humano do fato. Conforme a orientação estilística, o texto pode resultar em matérias muito boas, mas, em contrapartida, correrá o risco de



cair num tratamento piegas, indesejável como efeito comunicativo (SODRÉ e FERRARI, 1982, p.78).

Um ponto que impressiona na abertura do texto é o excesso de adjetivos, todos voltados a nitidamente induzir o leitor a uma percepção e interpretação dramática do fato, da história de vida da personagem: em 12 parágrafos, são mais de 40. Essa coletânea de juízos e qualificações sensíveis se contrapõe à liturgia da reportagem, tradicionalmente mais baseada em fatos e menos em opiniões pessoais com o objetivo de sensibilizar o leitor a perceber determinada realidade pelo mesmo olhar do repórter.

(...) o bom texto de revista tem que estar calcado prioritariamente em informações. Recheiar um texto apenas com juízos de valor (próprios ou tomados emprestados de alguém) é fácil – as opiniões são livres e baratas-, mas são sempre informações que garantem a qualidade e consistência do texto jornalístico (SCALZO, 2009, p.58).

Apesar de possuir essas informações, os dados, as citações, a repórter opta por outro caminho. Eliane Brum, uma das mais reconhecidas profissionais de toda a história do jornalismo moderno brasileiro – entre os prêmios recebidos por ela estão o Rei de Espanha em 2009, o Prêmio Jabuti em 2007 e o Comunique-se em 2012 -, o texto anda sobre a tênue linha daquilo que o professor Manual Carlos Chaparro denomina como “O Porrete da adjetivação” (CHAPARRO, 2013). Ao mesmo tempo em que a opinião daquele que a relata torna mais rica e real a experiência, tal técnica tira a importância daquilo que realmente importa em histórias como estas: os fatos.

A dramatização prepondera. E rouba o lugar da narração, em especial na abertura do texto. Lança-se, assim, quase um “guia de leitura” para o que vem na entrevista. A construção fica comprometida, desde o embrião narrativo na abertura, por um olhar que sugere determinada percepção, um viés de comoção. Grande parte de um espaço destinado à reconstrução factual é substituído pelo melodrama, que tem tomado, cada vez mais, conta das produções da premiada e diferenciada repórter.

No início do ano passado, por exemplo, Brum escreveu “O que aprendi com o pior jornalista do mundo” (BRUM, 2012). Um texto que desqualifica um profissional de imprensa que teria plagiado um texto. “O índice de dramatização faz com que o tratamento do tema seja obrigatoriamente passional, sem muitos dados técnicos, tendo em vista a novidade do acontecimento” (CHARAUDEAU, 2009, p.197).

Na reportagem, ela mostra como sofre com o mau jornalismo e deixa clara, nas entrelinhas e com notável elegância textual, a ideia do quanto o mundo dela é um



mundo bom, de virtude, daqueles que são incapazes de se deixar seduzir pelo mal. Em três frações do texto, essa idéia fica evidente.

Quando cheguei ao bar, ele já estava lá, no longo balcão. Tinha em torno de 50 anos, talvez menos, um físico de mercenário e os olhos mais azuis que eu já tinha visto. Pedi uma taça de vinho e fiz de imediato o que tinha ido fazer. Disse que gente como ele fazia mal não só ao jornalismo, mas ao mundo. E que conhecê-lo tinha sido um desprazer.

(...) O jornalista me ouviu como se eu estivesse contando o enredo de uma comédia romântica. (...) Ele então me olhou com aqueles olhos quase transparentes e disse: Vou te fazer uma proposta. Só por um dia, eu vou fazer o bem desde o momento em que acordar até a hora de dormir. Em troca, você vai fazer o mal (...). É claro que, como todo mundo, eu já havia praticado pequenos atos de maldade. Pensar que eu podia escolher fazer o mal era algo perturbadoramente sedutor.

No dia seguinte, entorpecida de sono, eu já sabia que seguiria tentando ser a melhor versão de mim mesma. (...) Eu soube ali que não poderia escolher praticar o mal. Eu só poderia escolher praticar o bem – o que implica descobrir a cada passo o que isso significa (BRUM, 2012).

Para Felipe Pena (2005), “a espetacularização da vida toma lugar das tradicionais formas de entretenimento. Cada acontecimento em torno de um indivíduo é superdimensionado, transformado em capítulo e consumido como filme” (PENA, 2005, p. 88). Os conceitos acabam por se adaptar aos exageros promovidos no texto Todo dia é dia de estupro:

Ao olhar para a piscina e constatar que “a água é azul”, talvez estivesse tão ou mais encantada que o astronauta Iuri Gagarin ao ver pela primeira vez a Terra do espaço. Marie Nzoli atravessara vários mundos – fora e dentro de si – para contar sua história ao Brasil (BRUM, 2012).

Será que Marie realmente sabe quem é Iuri Gagarin? Por que se valer desta metáfora? O que ela embute? E a ideia de que ela “atrasessara” (com o verbo no pretérito mais que perfeito, que é um recurso mais literário do que noticioso) ? E o “fora e dentro de si” entre hífen? Em *Linguagem e Persuasão* (1989), Adilson Citelli explica:

Os recursos retóricos se encarregam de dotar os discursos de mecanismos persuasivos: o eufemismo, a hipérbole, os raciocínios tautológicos, a metáfora cativante, permitem que projetos de dominação de que muitas vezes não suspeitamos possam esconder-se por detrás dos inocentes signos verbais (CITELLI, 1989: 36).



To Report, em inglês, pressupõe informar. A reportagem deriva da palavra francesa *reportage* e é (ou deve ser) algo predominantemente informativa. De acordo com *Dicionário de Comunicação* (1987), reportagem é:

Conjunto das providências necessárias à confecção de uma notícia jornalística: cobertura, apuração, seleção dos dados, interpretação e tratamento, dentro de determinadas técnicas e requisitos de articulação do texto jornalístico informativo (RABAÇA; BARBOSA; SODRÉ, p.509).

Neste sentido, Edvaldo Pereira Lima (2009) enaltece que reportagem pressupõe contextualizar.

Visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de reportagem. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto (LIMA, 2009, p.18).

A ideia não é recente. Em *Os Elementos do Jornalismo* (2003), Bill Kovach e Tom Rosenstiel reproduzem uma contribuição à linguagem e à liturgia da reportagem que vem do Século V antes de Cristo. Ela é de Tucídides, na “cobertura” da Guerra do Peloponeso.

Em relação à minha narrativa factual dos eventos...adotei como princípio não escrever a primeira história que me aparecia na frente, nem deixar me guiar pelas primeiras impressões; ou estava presente nos eventos que descrevia ou deles tinha ouvido relatos de testemunhas oculares cujas informações chequei o máximo possível. Não que isso tenha facilitado a descoberta da verdade: diferentes testemunhas dão versões diferentes dos mesmos eventos, falando de forma parcial para um lado e outro, ou então com base em lembranças imperfeitas (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003:111).

Será que precisamos resgatar os ideais que moveram Tucídides naquela “cobertura”, há cerca de 2500 anos? A capacidade de buscar isonomia e equilíbrio na busca pelo relato mais fiel possível ainda é um norte a se perseguir editorialmente, em especial quando se produz uma reportagem?

Não se discute aqui a precisão do relato, mas o quanto ele perde por este encadeamento que vai além do fato, voltado a amplificar a comoção.



1. Maman Marie Nzoli, a personagem

Marie Nzoli, 48 anos, vive na República Democrática do Congo, uma região na qual a cultura de exploração sexual das mulheres não é apenas comum, mas tratada como algo corriqueiro. Como citado, as práticas tem ainda a agravante de ocorrer com parentes, dentro e fora do casamento. Com todo o cenário permeado de seqüenciadas tentativas de estupro, Nzoli decidiu quebrar o silêncio ao fundar, com 17 colegas, em 1983, uma organização chamada COPERMA, que ajuda mulheres vítimas de abuso e suas respectivas famílias, contando hoje com 12 bases no país africano.

A repórter Cecília Araújo, de Veja, assina a matéria “A mulher estuprada não mantém os olhos na sua direção”(VEJA ONLINE, 2012), publicada no dia 07 de julho de 2012, com abordagem que priorizava a história de vida da entrevistada, com ênfase à COPERMA. O conteúdo, veiculado online, não chegou às páginas amarelas da publicação, muito menos mereceu qualquer espaço na publicação impressa.

A cobertura feita pelo portal Tempo de Mulher foi quase a que se vê num informe publicitário, numa ação de Relações Públicas ou em algo que envolva estar “dos dois lados do balcão ao mesmo tempo”, como promotor de algo que se cobre simultaneamente. Talvez como parte da estratégia de atrair público para os encontros em si, o conteúdo teve um leve tom de *release*, com nenhuma citação da personagem e procurava ressaltar as “conquistas” da convidada, um breve histórico dos seus mais de 30 anos de ação e uma explicação que a encaixava no contexto com outras convidadas:

Apesar da violência contínua, a motivação de Maman Marie permanece. Ela continua encorajando e reintegrando à sociedade as "meninas-mães" e outras vítimas de violência sexual, os “garotos soldados”, além de buscar soluções mais eficazes para colaborar com as populações rurais e povos das aldeias, esquecidos pelo governo de seu país. A ONG COPERMA vive de doações, mas não tem financiamento estável (TEMPO DE MULHER, 2012).

Nenhuma das duas parece ter tido tanto tempo e terreno para pesquisa e análise quanto o material – um híbrido de artigo, crônica e reportagem - produzido por Eliane Brum. Com um argumento poderoso, o texto dela parece, em certos pontos, descrever cenas com alguns atributos que lembram a ficção. No rito da entrevista, a personagem fornece declarações que são suficientemente contundentes para a construção narrativa de uma reportagem cujo enredo se sustenta.

“Quando esses militares de Ruanda pararam nosso ônibus, mandaram todo mundo tirar a roupa, inclusive o motorista. Havia pastores evangélicos no nosso



ônibus, e eles também tiveram de tirar a roupa. Eu enroli o dinheiro, bem enroladinho, e enfiei no ânus para que não me roubassem. Eu sentia medo e raiva. Quando nos mandam tirar a roupa, a gente precisa dizer ‘obrigada’. Eles ordenam: ‘Agora, digam obrigada porque a gente ainda não matou vocês’ (BRUM, 2012).

Quando a autora se refere, ainda no primeiro parágrafo, que há “um mundo com infernos demais” (BRUM, 2012) e a fonte “acabara de chegar do pior deles”, a responsável pela construção, por passar dados e informações ao leitor, parece afobar-se em legitimar um cenário previamente arquitetado, um universo distante.

Adilson Citelli (1989) afirma que a persuasão não ocorre apenas quando os meios de comunicação cometem equívocos no sentido de enganar, mas também através da estrutura discurso utilizado. “Persuadir não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor” (CITELLI, 1989, p.14). Neste caso, tomada a analogia com a frase de Iuri Gagarin, não dá para saber o que é real e o que é fictício nessa construção narrativa. A entrevistada realmente conhece a declaração de Iuri Gagarin? Ela a reproduziu? Ela de fato estabeleceu alguma analogia entre essa declaração e o azul da piscina do hotel em São Paulo? Essas dúvidas, fabricadas no laboratório do texto que tem a obrigação mais de comover do que de informar, acabam por despertar dúvidas em que o real, talvez, esbarre no ficcional ou, pior ainda, seja uma parte ou representação dele, por mais literário que tenha sido o uso deste recurso ou artimanha.

Por outro lado, a estratégia da autora atrai o leitor, prendendo-o não apenas com vocábulos bem localizados, mas também com elementos psicológicos que suscitam uma questão simbólica: mesmo com uma construção bastante sólida, uma reportagem pode ter bases para se sustentar não apenas pelos fatos e pela história de vida da protagonista, mas também pela construção psicológica sugerida pela própria autora da reportagem?

A história de Nzoli demanda tantos adjetivos – cerca de um a cada 25 verbetes são adjetivos - em sua parte inicial?

Após a leitura de uma parte considerável do texto, entretanto, o que parece um ímã perde o magnetismo. Quando se descreve o Congo como “o pior lugar para uma mulher nascer”, o texto imputa conceitos e tira a chance do leitor de formular seu próprio julgamento, por mais que existam elementos descritos pela fonte que podem embasar – mas não justificar – a afirmação. Nas palavras de Nilson Lage, em *Estrutura da Notícia* (2006):



(...) existe sempre alguma interpretação nas reportagens. O importante é que se respeitem os fatos, dos quais não se pode se discordar, e se dê ao leitor, com humildade, o direito de avaliá-los segundo seu próprio repertório, seus valores (LAGE, 2006, p.56).

Podemos dizer que a autora tenha experiência de vida pela qual seja possível confirmar este ponto de vista? Não há elementos para isso; o julgamento sensível – o aporte da ideia de pesadelo, drama, inferno, “infernos demais” – sedimenta o ambiente de persuadir. A história da personagem, por si só, se sustenta. Para o leitor comum, os critérios usados para essa afirmação, arbitrária, são claras. Cremilda Medina (2008) aponta a existência de uma barreira que dificulta o trabalho de reportagem.

O repórter se lança a uma pesquisa ou ato de decifração possível perante a complexa rede de forças que atua sobre o fato jornalístico (a pauta). Surge então a consciência de que entramos numa especulação ilimitada, um mergulho na verdade de muitas faces, contradições, em que a atuação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva, cientificista, como pretendem os clássicos do mito da objetividade. Diante de uma Realidade cifrada (como Freud diante do Sonho), inicia-se um processo de decifração (MEDINA, 2008, p.32).

O fato de Marie nunca ter “andado” de avião, ou se hospedado em um hotel de luxo ou mesmo dela não conhecer elevadores abriu frente para a autora, uma chance de se estender mais em suas divagações. Quando se alia a saturação de informação rançosa a exageros nos apelos sensíveis, o texto perde o status de informativo e passa a uma alegoria de notícia, a funcionar como um simulacro (de reportagem). O conceito remete a Jean Baudrillard (1991). Para ele, a realidade deixou a mídia e, no lugar dela, passou a ocorrer uma representação, um simulacro. O autor apresenta quatro fases sucessivas da imagem que envolvem este processo de representação.

- ela é o reflexo de uma realidade profunda;
- ela mascara e deforma uma realidade profunda;
- ela mascara a ausência de realidade profunda;
- ela não tem relação com qualquer realidade: ela é o seu próprio simulacro puro (BAUDRILLARD, 1991: 13).

Ele explica: “no primeiro caso, a imagem é uma boa aparência. No segundo, é uma má aparência. No terceiro, finge ser uma aparência. No quarto, já não é de todo o domínio da aparência, mas da simulação. (BAUDRILLARD, 1991:13). O que se percebe neste encadeamento narrativo é a apropriação de uma representação.



A simulação parte, ao contrário da utopia, do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro (BAUDRILLARD, 1991: 13).

No texto de Eliane Brum, a feição do real também se estabelece por meio de recursos que remetem à lógica da representação.

1.2. Nas páginas do New York Times

Nikolas Kristof, 54, é um premiado jornalista americano que, em 2010, viajou com uma estudante de medicina, um videorepórter e um professor universitário, todos também norte-americanos, ao mesmo Congo de Nzoli, num projeto com alguma semelhança ao programa *Profissão Repórter*, da TV Globo. O resultado da experiência do quarteto pode ser encontrado no blog *On The Ground*, que tem a assinatura de Nikolas, e está hospedado na página do *New York Times*.

No post *Notes from a Young American in Congo: Maman Marie, Local Hero*, a escritora convidada Amy Ernst tinha desenvolvido pauta bastante similar à da brasileira, com ênfase tudo aquilo que a entrevistada sofreu. As cenas retratadas têm a mesma força que as contadas no texto em português, com descrições sobre estupros e a ideia de uma sociedade machista instalada na república africana. A autora pontua, em alguns momentos, uma incontida simpatia pela causa defendida pela COPERMA, como na abertura, quando cita que: “Maman Marie Nzoli é uma mulher formidável. Ela é a fundadora e diretora da COPERMA, a minúscula organização não governamental que eu gostaria de dizer que estou ajudando, mas que na verdade me ajuda” (ON THE GROUND, 2010).

O texto, apesar do toque de sentimentalismo, não repete os erros existentes em “Todo dia é dia de estupro”. É preciso considerar que as discussões sobre isenção e objetividade parecem mais distantes do dia a dia do ensino de jornalismo, já que a distância entre aquele que narra algo e o objeto narrado é pequena.

O narrador, personagem ou não, pode se situar à margem do fato, mantendo um nível de *isenção* que, isto sim, marca o texto objetivo. Inversamente, a narração pode se referir a um fato externo, mas revelar uma avaliação muito forte do narrador: será, portanto, subjetiva (SODRÉ e FERRARI, 1982, p.81).



Para Eugênio Bucci (2000), “a melhor objetividade no jornalismo é a justa, transparente e equilibrada apresentação da intersubjetividade (BUCCI, 2000:93). Na definição do Houaiss (2011), intersubjetividade é “a comunicação das consciências individuais, umas com as outras, realizada com base na reciprocidade” (UOL DICIONÁRIO HOUAISS, 2010). A definição remete à análise do professor Dimas Kunsch (2008) sobre a compreensão no campo da comunicação. Kunsch (2008) pondera, no artigo “Teoria Compreensiva da Comunicação”, publicado no livro Comunicação – Saber, Arte ou Ciência (2008) que “compreender evoca originalmente o sentido de juntar, abraçar, integrar” (KUNSCH, 2008:173). Segundo ele, “na dimensão intersubjetiva, a idéia de compreensão remete a um conjunto de atitudes práticas muito caras ao tema da comunicação” (KUNSCH, 2008:174). Ele recorre ao filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) que assegura que as pessoas almejam mais do que compreender. “No entendimento de Bacon, todo saber precisa ser fecundo e trazer resultados práticos para a vida e o progresso do homem” (KUNSCH, 2008:176). Charaudeau complementa:

A finalidade do homem ao falar, não é recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação com o outro, porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação com relação ao outro. A linguagem nasce, vive e morre na intersubjetividade (CHARAUDEAU, 2009: 42).

A história contada tanto por Amy Ernst quanto por Eliane Brum é incomum. Em 2002, próximo à cidade de Goma, ela foi responsável por um parto dentro de um ônibus. Foi ameaçada de morte, assim como todos os presentes, caso o bebê em questão fosse do sexo feminino. O que torna esta discussão aparentemente útil, à luz da teoria do jornalismo, é investigar se, como demonstrado no texto brasileiro, o uso excessivo da adjetivação não é responsável pelo processo de eclipse dos fatos já que, no texto americano, mais detalhes são oferecidos em menos espaço.

Em 2002, na mesma estrada para Goma, o ônibus de Maman Marie parou novamente. A mulher de um soldado estava prestes a dar à luz e os soldados estavam procurando por uma enfermeira. Quando o motorista disse que não havia enfermeiras a bordo, os soldados disseram a todos para que ficassem nus novamente, e que eles iam matar a todos. Das três da tarde às cinco da manhã, Maman Marie (que não tinha treinamento) trabalhou com a mulher, sem tesouras ou água limpa. Os soldados



disseram que se o bebê fosse uma garota eles matariam todos os passageiros, inclusive ela. Se fosse um menino, eles iriam celebrar e beber cerveja. “Eu estava rezando a noite toda, para que o bebê fosse um menino” (ON THE GROUND, 2010).

Considerações Finais

Ao contrário de alguns dos primeiros textos de Eliane Brum, publicados no Zero Hora de Porto Alegre e em sua obra literária de grande valor jornalístico, o conteúdo produzido para a *Época* peca ao diminuir as histórias e engrandecer o caráter sentimental de fatos. Resta, finalmente, propor uma reflexão, que é o único objetivo deste artigo: o modelo de reportagem proposto configura um novo padrão no jornalismo literário brasileiro? Qual é o conceito de reportagem que se deve tomar como parâmetro hoje? É este, carregado de adjetivos?

Narrar determinada situação e mostrar a vida de um personagem incomum submetido a um inequívoco drama pessoal dá ao repórter autonomia para desenvolver o texto com apelos sensíveis em que é preciso fazer um exercício para separar o que é informação de crônica, opinião ou apelos emotivos? Não há compromisso maior no jornalismo do que a ideia de apenas contar uma boa história, sem ser parte dela. A ideia de abraçar uma causa social e promover um debate público a respeito não pode pressupor uma militância, ainda que disfarçada sob o manto sensível de estender a mão a quem realmente precisa. Este hábito de estender a mão teria mais impulso e peso sem o jogo de palavras, sem um mundo que, como diz Brum, está com “infernos demais”. Ela tem razão: está mesmo.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad.: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.



KÜNSCH, Dimas A. *Teoria compreensiva da comunicação*. In: KUNNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). *Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões da teoria epistemologia*. São Paulo: Plêiade, 2008.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas*. São Paulo: Manole, 2009

MEDINA, Cremilda. *Entrevista - o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2008

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Com a colaboração de Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Codecri, 1987.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de redação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

Webgrafia

BRUM, Eliane. Revista Época Online. Sociedade. *Todo dia é dia de estupro*, 2012. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/07/todo-dia-e-dia-de-estupro.html> >. Acesso em 03 de maio de 2013.

_____. Revista Época Online. Sociedade. *O que aprendi com o pior jornalismo do mundo*, 2012. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/01/o-que-aprendi-com-o-pior-jornalista-do-mundo.html> >. Acesso em 03 de maio de 2013.

CHAPARRO, Manuel Carlos. O XIS da questão. *Porrete da adjetivação deforma jornalismo de Veja e Carta Capital*, 2012. Disponível em: < <http://www.oxisdaquestao.com.br/colunas-integra.asp?col=12&post=580> >. Acesso em 05 de maio de 2013.

ON THE GROUND. *Notes from a Young American in Congo*: Maman Marie, Local Hero, 2010. Amy Ernest. Disponível em: < <http://kristof.blogs.nytimes.com/2010/09/14/notes-from-a-young-american-in-congo-maman-marie-local-hero/> >. Acesso em 08 de maio de 2013.
, 2012.



TEMPO DE MULHER. *Maman Marie Nzoli: a heroína das vítimas da guerra do Congo, 2012*. Karina Costa. Disponível em:< <http://estilo.br.msn.com/mulheres-reais-que-inspiram/story.aspx?cp-documentid=251470838> >. Acesso em 05 de maio de 2013.

UOL DICIONÁRIO HOUAISS. *Intersubjetividade*, 2012. Disponível em:< <http://dic.busca.uol.com.br/result.html?t=10&ref=homeuol&ad=on&q=Intersubjetividade&group=0&dict=acesso>> Acesso em 02 de maio de 2013.

VEJA ONLINE. *A mulher estuprada não mantém os olhos na sua direção*, 2012. Cecília Araújo. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/a-mulher-estuprada-nao-mantem-os-olhos-na-sua-direcao> >. Acesso em 07 de maio de 2013.